



**ABRIL 2024**

## **MÃE CLARA: Autoridade ao serviço de Deus e da vida**



Uma autoridade a serviço de Deus, da Igreja, da vida, de cada Irmã hospitaleira e dos pobres, foi o ritmo do coração da Mãe Clara. Uma autoridade marcada pela obediência até as últimas consequências. Após a morte repentina do Padre Beirão, a Mãe Clara deparou-se com as ordens do Patriarca de Lisboa, D. José Sebastião Neto. Esse, assim que assumiu o Governo do Patriarcado de Lisboa, começou a envolver-se na orientação da Casa-Mãe e das hospitaleiras, exigindo da Fundadora conta estrita de tudo. Nomeou diretores, capelães e confessores para as hospitaleiras e estes deviam tomar conhecimento do que se passava e comunicar-lho, o que gerava, naturalmente, não poucos atritos e conflitos de autoridade. O Patriarca nomeou ainda como Visitador, o Guardião do Convento de Varatojo, ordenando-lhe que visitasse todas as casas e tomasse as providências que julgasse necessárias. Tudo isso, alegando a pouca saúde da Mãe Clara e o interesse dele pela Congregação.

Como Irmã menor e autoridade maior da Congregação, a Mãe Clara sempre esteve atenta ao bem e aos deveres que a si cabiam realizar. Qual “mãe providente e desvelada, de coração sempre vigilante” procurava manter-lhe o espírito firme através de circulares densas de conteúdo, nas quais exortava ao amor de Deus em mútuo, à fidelidade aos compromissos assumidos, à humildade e obediência nas relações fraternas. Continuamente silenciosa e prudente, delicada e humilde, a ocupar-se, minuciosamente, dos deveres do seu cargo, visitando frequentemente as Comunidades e animando as Irmãs.

(Cf. MENDES DE MOURA, Rosa Helena. *POSITIO Super vita, virtutibus et fama sanctitatis Mariae Clarae a Jesu Infante*, Vol. I Informatio, Romae, 2002, págs. 22-23; 28).

Desde os primeiros tempos da fundação da Confhica, a Mãe Clara procurava governar sob a direção e o aconselhamento do Fundador, de quem recebia as determinações com confiança, espírito de fé, humildade e serviço. O espírito de serviço da nossa amada Fundadora estendia-se a direções diferentes, principalmente, indo visitar as Irmãs onde quer que estas se encontrassem em missão. Como Superiora Geral isso era o seu dever, contudo fazia-o com precisão e não pensava em evitar qualquer esforço. Sob chuvas torrenciais, vento impetuoso, travessia de ribeiras, tantas vezes pedregosas ou arenosas, colhia o resultado de pés molhados em pleno inverno e pés magoados, mas sempre a caminho. Os meios de transportes nem sempre eram os melhores. Embora tenha nascido em “berço dourado”, habituada aos confortos e delicadezas da vida, a Mãe Clara edificava a todos com o seu jeito de fazer as coisas com naturalidade e alegria. Procurava responder sim ao envio do esposo com pés ligeiros e olhos da alma, buscando realizar o seu desejo de imitar o Mestre, seguindo-O com amor e piedade.

(Cf. MENDES DE MOURA, Rosa Helena. *Maria Clara do Menino Jesus sua gente e sua obra*, Coimbra, 2013, págs. 232-233).

De coração generoso, apesar da oposição da maçonaria, ofereceu Irmãs para servir o Hospital Militar de Lisboa, a fim de tratarem os soldados que tiveram extremos de delicadeza com os mais humildes e indefesos, nas campanhas de África. O espírito de serviço à Igreja e aos pobres, levou a Mãe Clara à boa vontade de servir a todos, mostrando-se desprendida e generosa, renunciando até aquilo que tinha direito e lhe fazia falta. Atenta aos mais desprotegidos, prodigaliza-se para os atender, pondo a seu serviço Irmãs, obras e recursos materiais, angariados com o próprio trabalho e com as esmolas e donativos feitos à Congregação.

Desejosa de tornar Deus conhecido e amado em todo o tempo e lugar, a Mãe Clara não hesitou em enviar as suas Irmãs a servirem em outros climas e continentes. Assim escreveu uma belíssima página de amor e de fé na vida da Congregação e na história portuguesa, mesmo correndo os riscos e os sacrifícios que custaram à Congregação, constituindo um verdadeiro holocausto que ela manteve fiel e persistente até o fim. Tal facto só se explica pelo desejo incontido de serviço, que a devorava, a fim de ganhar almas para Cristo e de cooperar na sua salvação.

Ousada no serviço da caridade com grandeza de alma, muitas vezes ousou mais do que parecia humanamente possível. A vida da Mãe Clara ganhou como raiz, a consciência de ter recebido uma missão que devia exercer com coragem e fidelidade, colocando-se sempre na brecha, quando se tratasse do serviço de Deus, das Irmãs e da Congregação.

(Cf. MENDES DE MOURA, Rosa Helena. *POSITIO Super vita, virtutibus et fama sanctitatis Mariae Clarae a Jesu Infante*, Vol. I Informatio, Romae, 2002, págs. 28, 71, 73-74, 104, 106).